

*Scriptum facere novum**

Tradução Linguística vs. Tradução Cultural: um pequeno estudo de caso

Scriptum facere novum – Linguistic Translation vs. Cultural
Translation: A Brief Case Study

TÂNIA AZEVEDO** / FILOMENA LOURO***

PALAVRAS-CHAVE: Equivalência Dinâmica, Tradução Linguística, Tradução Cultural, Literatura medieval.

KEYWORDS: Dynamic Equivalence, Linguistic Translation, Cultural Translation, Medieval Literature.

Lembra-nos Aires do Nascimento, no seu artigo «Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média», que já em 1419 se falava de *traducere* e *traductio*, pela hábil mão de Bruno Aretino na sua tradução da *Ética* de Aristóteles. Outra grande influência na evolução do discurso sobre tradução é Alonso de Cartagena (1430) que, segundo o autor, defende que «[...] não há correspondência absoluta e directa de códigos linguísticos entre as línguas e por isso é falaz a tradução palavra a palavra e se torna necessário ter em conta os valores de funcionalidade.» (Nascimento, 1997, p. 130).

Como se pode constatar, estava-se ainda longe da teorização feita por Etienne Dolet (1540), mas esta postura ecoa na Teoria da Equivalência de Nida e Taber (1974 – citações da edição espanhola de 1986), que assim nos definem tradução: «La traducción consiste en reproducir, mediante una equivalencia natural y exacta, el mensaje de la lengua original en la lengua receptora, primero en cuanto al sentido y luego en cuanto al estilo.» (Nida & Taber, 1986, p. 29).

* Fazer uma nova escrita – *rescrever* – escrever algo novo – não é essa também a arte do tradutor? Uma arte que não vem de agora, como mostraremos, mas do tempo em que se traduzia daquela que era a língua por excelência do saber na Europa Ocidental – o Latim.

** Investigadora de Doutoramento no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM).

*** Professora Associada do Departamento de Estudos Ingleses e Norte Americanos (DEINA) do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) da Universidade do Minho.

Para os autores, a tradução pode ser vista de duas formas: uma formal e outra ligada à equivalência. Para tornar esta definição mais clara podemos recorrer a exemplos. Se pensarmos numa tradução formal, olhamos para a tradução direta de termos entre línguas como, por exemplo, *morning* em Inglês, será *manhã* em Português. Se olharmos para a tradução do ponto de vista da equivalência, olharemos para questões mais complexas como a possibilidade de tornar presente numa língua de chegada o equivalente cultural de uma expressão própria da língua de partida que acabe por fazer sentido nas duas línguas e culturas. É o caso de traduzir, num exemplo minimalista, a expressão inglesa *it's raining cats and dogs* pela expressão portuguesa *chove a cântaros*.

Será tendo em conta a conceção de tradução ligada à equivalência que nos debruçaremos sobre duas traduções de uma mesma passagem do poema medieval Inglês *Sir Gawain and the Green Knight*: uma de Brian Stone e a outra de J. R. R. Tolkien. O nosso intento será provar que, embora ambos os tradutores tivessem como objetivo a equivalência, no seu processo tradutório tomaram decisões aquando do momento da transferência e reestruturação na língua de chegada que resultaram em traduções de índole diferente: uma linguística e outra cultural;¹ uma pedagógica e outra literária.

1. Do texto de partida às mãos dos tradutores

Em primeiro lugar, há que olhar para a natureza do texto de partida: *Sir Gawain and the Green Knight* é um poema aliterativo medieval, escrito num dialeto Inglês, da zona de West Midlands, que conta as aventuras de um cavaleiro da corte do Rei Artur, Gawain.² O dialeto em que o texto foi escrito, por volta

¹ Quando nos referimos a tradução «linguística» e «cultural», queremos apenas vincar características que nos parecem próprias do produto tradutório destes dois exemplos em concreto. Ao falarmos de uma tradução «linguística», o nosso objetivo é destacar o facto de ser uma tradução cujo propósito é também ensinar a língua de partida, através de notas, detalhes, explicações, próprios de uma tradução cujo fim primordial é pedagógico. Ao falarmos de tradução «cultural», referimo-nos a uma tradução de pendor mais artístico, mais ligada ao universo da produção literária, que não dá tantas explicações em notas ou comentários, mas procura fazer o texto presente na cultura da língua de chegada como um objeto estético *per se*. É claro que este tipo de tradução pode chegar a levantar questões de inteligibilidade, mas essa é uma discussão que deixaremos para tópicos de trabalho futuros.

² Gawain é sobrinho do Rei Artur, filho da sua irmã. Este poema insere-se numa tradição literária, própria de Inglaterra (e diferente da literatura medieval continental) em que

de 1400, acabou por se desvanecer com o auge do dialeto falado na zona de Londres – East Midland – que foi realçado por autores como Chaucer e, mais tarde, enriquecido pela culta mão de Shakespeare.

Este facto significa que um leitor contemporâneo, mesmo que seja falante nativo da língua inglesa, que queira fruir do texto na sua língua original, não o conseguirá fazer, uma vez que o dialeto de West Midland apresenta dificuldades de nível não só lexical mas também sintático e fonético, como se pode ilustrar no verso seguinte, que é o primeiro do poema: «SIþEN þe sege and þe assaut watz sesed at Troye [...]»³ (Tolkien & Gordon, 1979, p. 1).

Em seguida, devemos fixar-nos nos dois tradutores cujo trabalho vamos comparar.

O primeiro é Brian Stone, que foi professor universitário de língua e literatura inglesas, em várias universidades inglesas e cofundador da Universidade Aberta em Inglaterra. Entusiasta ávido da língua inglesa e, em particular, da sua poesia, enriqueceu o panorama literário com as suas traduções de texto medieval como *Medieval English Verse* (1963), *Cleanness*, *St Erkenwald* (1971), *Chaucer's Love Visions* (1978) e *King Arthur's Death* (1988). Também produziu várias peças de teatro e escreveu a obra *Prisoner from Alamein* (1944), onde relatou a sua experiência na Segunda Guerra Mundial.⁴ É a sua vasta experiência com os cursos de língua inglesa e traduções de texto medieval que, a nosso ver, contribuíram para o facto de a sua tradução do poema que vamos discutir ser de índole linguística, isto é, pedagógica.

O tradutor da segunda versão que analisaremos é J. R. R. Tolkien que, para além de autor de ficção, foi também professor de linguística e literatura antigas inglesas, primeiro da Universidade de Leeds e, depois, na Universidade de Oxford. O seu profundo conhecimento de Inglês Antigo e Inglês Médio perpassa na sua tradução e, embora também Tolkien tenha feito traduções de

Gawain é um cavaleiro bom, puro e que tem de passar uma série de testes para ter acesso ao desafio que lhe é proposto por uma criatura do Maravilhoso, o Cavaleiro Verde. Diverge, assim, do Gauvain da literatura francesa (cavaleiro conhecido pelo seu interesse no sexo feminino) ou do Galvão da literatura portuguesa (cujo carácter foi tão denegrido que n'*A Demanda do Santo Graal* temos um cavaleiro que é a causa do falhanço da busca do Graal e que até assassina os seus companheiros). A discussão desta evolução negativa do carácter de Gawain será abordada em trabalhos futuros.

³ «Quando o cerco e o assalto cessaram em Tróia» [Tradução nossa].

⁴ Informação retirada do seu obituário, publicado a 4 de Março de 1995, no *Independent*, URL: <http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-brian-stone-1609912.html>, consultado a 17/2/2016.

índole pedagógica,⁵ mostraremos claramente como a sua tradução de *Sir Gawain and the Green Knight* (trabalhada desde os anos 20 do século passado até à sua morte em 1973) é uma tradução cultural, ou seja, literária.

2. Traduzir para um fim específico

Partindo da já referida necessidade de fazer o texto antigo presente na língua moderna, a tradução é, de facto, como recorda Elena Sánchez Trigo, «[...] una actividad de naturaleza comunicativa.» (Sánchez Trigo, 2002, p. 25).

O contexto comunicativo pode, no entanto, ser de ordem diversa, o que faz com que as traduções tenham de ser produzidas de acordo com o fim e público a que se destinam. Independentemente dos objetivos a que os tradutores cujo trabalho analisaremos se propuseram, há que partir da premissa de que, embora se trate de traduções intralinguísticas (cf. Jakobson, 1959), a distância temporal que existe entre o texto de partida (final do século XIV) e os tradutores (século XX) faz com que quase se trate de uma tradução interlinguística (*ibid.*).

Veremos, de seguida, como Stone e Tolkien analisaram, transferiram e reestruturaram (cf. Nida e Taber, 1986) o poema *Sir Gawain and the Green Knight* em Inglês Moderno.

3. O texto de partida

Olharemos, primeiramente, para o *corpus* que escolhemos para análise. Trata-se da primeira estrofe, em que o narrador se propõe cantar uma história que vem de longe e que, para ter credibilidade enquanto canto épico, tem de ser unida à tradição clássica e possuir o relato da fundação do reino:

- 1 SIþEN þe sege and þe assaut watz sesed at Troye,
- 2 þe borȝ brittened and brent to brondez and askez,
- 3 þe tulk þat þe trammes of tresoun þer wrotȝt

⁵ Basta recordar a que foi recentemente editada pelo seu filho e que foi até apelidada de literariamente má (Cf. Recensão de Kevin Kiernan, URL: <http://theconversation.com/publishing-tolkiens-beowulf-translation-does-him-a-disservice-27244>, consultado a 17/2/ 2016) e que é a tradução em prosa do poema Anglo-Saxónico *Beowulf*, na qual Tolkien trabalhara para ser um apoio para os seus alunos de Inglês Antigo.

4 Watz tried for his tricherie, þe trewest on erthe:
 5 Hit watz Ennias þe athel, and his highe kynde,
 6 Þat siþen depreced prouinces, and patrounes bicomē
 7 Welneze of al þe wele in þe west iles.
 8 Fro riche Romulus to Rome ricchis hym swyþe,
 9 With gret bobbaunce þat burze he biges vpon first,
 10 And neuenes hit his aune nome, as hit now hat;
 11 Tirius to Tuskan and tildes bigynnes,
 12 Langaberde in Lumbardie lyftes vp homes,
 13 And fer ouer þe French flod Felix Brutus
 14 On mony bonkkes ful brode Bretayn he setteþ
 15 with wynne,
 16 Where werre and wrake and wonder
 17 Bi syþez hatz wont þerinne,
 18 And oft boþe blysse and blunder
 19 Ful skete hatz skyfted synne.⁶ (Tolkien & Gordon, 1979, p. 1)

Facilmente se constata as diferenças ortográficas (que representam fonemas diferentes) que já não se encontram na escrita do Inglês Moderno, como «þ» que corresponde ao fonema [p], como na palavra «thing».

⁶ Quando o cerco e o assalto cessaram em Troia
 E a fortaleza caiu ardendo em tições e cinzas,
 O traidor cujo maquiavélico engano aí habitava
 Foi julgado pela sua traição, a maior sobre a terra
 Quando Eneias o nobre e os seus de renome
 Terras subjugaram e senhores se tornaram
 De praticamente toda a riqueza das Ilhas do Oeste.
 Quando o real Rómulo para Roma a sua estrada tomou
 Em grande pompa e orgulho primeiro a povoaou
 E o seu nome lhe deu que ainda hoje possui;
 Tício foi para a Toscana e cidades fundou
 Longabarba na Lombardia muralhas ergueu
 E para lá das águas francesas Félix Brutus
 Em extensas margens a Bretanha fundou
 Com alegria
 Onde guerra e dor e maravilha
 Muitas vezes por aquela terra passaram
 E tanto o erro como a felicidade
 Desde então entre si alternaram. (Tradução nossa).

Verso	Stone	Texto de Partida
4	Falsehood unrivalled	þe trewest on erthe
5	Aeneas the noble	Hit watz Ennias þe athel
8	Royal Romulus to Rome	Fro riche Romulus to Rome
9	And built her battlements; abounding in pride	With gret bobbaunce þat burze he biges vpon first
14	Set Britain, on bluffs abundant and broad	On mony bonkkes ful brode Bretayn he settez

Tabela 1. Stone *vs.* Texto de Partida

Stone também introduz parêntesis explicativos para destacar o facto de os versos 3 e 4 serem apenas informativos sobre a traição de Troia. A acompanhar esta primeira estrofe do poema existem duas notas de rodapé: uma no verso 3 para a expressão «treacherous trickster», identificando este traidor como Antenor, que conspirou contra Troia e outra no verso 13, para o nome «Felix Brutus», explicando que Brutus era neto de Eneias e, segundo Geoffrey of Monmouth e a sua *Historia Regum Britanniae*, o fundador do novo reino.

De destacar também é a alteração de ordem lexical que Stone introduz no último verso da estrofe que pode ter duas explicações – tornar o texto mais simples ou procurar manter a rima presente no texto de partida:

Verso	Stone	Texto de Partida
18-19	And bliss and baneful blunder By turns make man their toy.	And oft boþe blysse and blunder Ful skete hatz skyfted synne.

Tabela 2. Versos finais em Stone *vs.* Texto de Partida

Há claramente, na tradução de Brian Stone, uma tentativa de tornar o texto inteligível e até simples para um leitor de Inglês Moderno. Talvez seja essa a explicação para, até aos dias de hoje, se utilizar esta tradução para o ensino do texto em Inglês Moderno, em níveis de escolaridade que vão até à Licenciatura.⁷

Embora, nesta tradução, haja alterações sintáticas e lexicais quando comparada com o texto de partida, parece-nos que o texto cumpre o objetivo a que se propõe – ser um meio de tornar inteligível o texto medieval para o

⁷ É experiência pessoal da autora do presente artigo o facto de esta ter sido a tradução utilizada como apoio para a aprendizagem da obra em Middle English, na licenciatura de Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Portugueses, no ano letivo de 2002-2003.

público geral e para o estudante. A nosso ver, é esse também o fim da tradução, como afirmam Nida e Taber:

El traductor debe buscar la equivalencia en vez de la identidad. En cierto sentido, esta afirmación es otra manera de decir que hay que reproducir el mensaje en vez de conservar la forma de las expresiones, pero subraya la necesidad de modificar radicalmente ciertas frases. (Nida e Taber, 1986, p. 29).

5. J. R. R. Tolkien: traduzir para fruir

Apresenta-se, agora, a tradução de Tolkien:

When the siege and the assault had ceased at Troy,
and the fortress fell in flame to firebrands and ashes,
the traitor who the contrivance of treason there fashioned
was tried for his treachery, the most true upon earth –
it was Æneas the noble and his renowned kindred
who then laid under them lands, and lords became
of well-nigh all the wealth in the Western Isles.
When royal Romulus to Rome his road had taken,
in great pomp and pride he peopled it first,
and named it with his own name that yet now it bears;
Tirius went to Tuscany and towns founded,
Langaberde in Lombardy uplifted halls,
and far over the French flood Felix Brutus
on many a broad bank and brae Britain established
full fair,
where strange things, strife and sadness,
at whiles in the land did fare,
and each other grief and gladness
oft fast have followed there. (Tolkien, 1975, p. 17).

Estruturalmente, Tolkien parece «colado» ao texto de partida. Procura manter o ritmo e a própria aliteração é feita quase sempre nos mesmos elementos lexicais do texto de partida.

Embora procure manter o aspeto fonético da aliteração do texto em Inglês Médio, Tolkien muitas vezes opta pela equivalência de sentido, escolhendo lexemas que mais se aproximem do significado do texto de partida, como se

exemplifica a seguir. Acrescentamos, também, à tabela, as opções tradutórias de Brian Stone já discutidas, para que a comparação se torne mais clara:

V.	Tolkien	Texto de Partida	Stone
4	the most true upon earth	þe trewest on erthe	Falsehood unrivalled
5	it was Æneas the noble	Hit watz Ennias þe athel	Aeneas the noble
8	When royal Romulus to Rome	Fro riche Romulus to Rome	Royal Romulus to Rome
9	in great pomp and pride he peopled it first	With gret bobbaunce þat burȝe he biges vpon first	And built her battlements; abounding in pride
14	on many a broad bank and brae Britain established	On mony bonkkes ful brode Bretayn he settez	Set Britain, on bluffs abundant and broad

Tabela 3. Tolkien *vs.* Texto de Partida *vs.* Stone

Relativamente aos versos 3 e 4, Tolkien não acrescenta parêntesis explicativos como Stone, mas adiciona uma marca ortográfica, um travessão, no fim do verso 4 para que se entenda a distinção de assunto sem haver quebra no ritmo do poema.

No que diz respeito aos dois últimos versos, embora Tolkien introduza alguma alteração lexical no verso 18, mantém a ideia do texto de partida no verso 19, conseguindo, de igual forma, a manutenção da rima:

V.	Tolkien	Texto de Partida	Stone
18-19	and each other grief and gladness oft fast have followed there.	And oft boþe blysse and blunder Ful skete hatz skyfted synne.	And bliss and baneful blunder By turns make man their toy.

Tabela 4. Versos finais Tolkien *vs.* Texto de Partida *vs.* Stone

A tradução de Tolkien, embora privilegie também a transmissão do sentido e mensagem do poema medieval destina-se, sem dúvida, ao leitor mais erudito que não só saiba o significado dos lexemas que o tradutor escolhe em Inglês Moderno, mas também seja capaz de apreciar o ritmo e o aspeto fonético do texto de chegada, quando comparado com a produção medieval.

Trata-se, de facto, de uma tradução feita ela também por um artista, cujo cunho pessoal se manifesta por uma busca incessante (que se prolongou por décadas) por uma proximidade quase obsessiva ao texto de partida. Como afirmou Nida, em 1964, a tradução é sempre ela mesma alvo da subjetividade do tradutor:

Since the translator himself is the focal element in translating, and thus there cannot be any completely impersonal objectivity in his work – since he is a part of the cultural context in which he lives – his role is central to the basic principles and procedures of translating. (Nida, 1964, p. 145).

6. *Scriptum facere novum*

Procurámos mostrar que, partindo da teoria de Nida e Taber, duas traduções do mesmo texto podem ter como objetivo a equivalência mas expressarem essa mesma equivalência em produtos tradutórios diferentes.

É claramente o caso dos dois tradutores que apresentámos. Brian Stone, professor e entusiasta da poesia em língua inglesa (como atestam as diversas traduções de texto antigo que fez ao serviço da editora Penguin), produziu uma tradução do poema *Sir Gawain and the Green Knight* que torna o texto acessível a qualquer falante da língua inglesa, nativo ou não.

Já J. R. R. Tolkien, incapaz de se desligar do seu profundo conhecimento das línguas e culturas antigas e sendo ele mesmo autor de ficção e um conhecido perfeccionista, produziu uma tradução – ela mesma aperfeiçoada durante décadas – para o leitor erudito, académico.

Discutível (e provavelmente tema para futuras reflexões da nossa parte) será a interrogação sobre qual destes dois produtos do trabalho de tradução espelhará melhor a «equivalência dinâmica» (Nida e Taber, 1986, p. 227) que os autores teóricos apontam como base para uma boa tradução. No entanto, a nosso ver, cumprirá o seu objetivo aquela (ou ambas!) que for capaz de despertar no leitor (estudante ou não) essa experiência de contacto com o texto literário que altera a visão do quotidiano e a enriquece por si mesma, sem necessidade de primeiramente recorrer à análise ou crítica, como aponta J. M. Schaeffer: «La lecture n'a pas besoin d'être «mise en relation avec la vie», elle est un moment de la vie, une expérience vécue aussi réelle que n'importe quelle autre.» (Schaeffer, 2011, p. 107).

Esse julgamos ser o fim de toda a obra literária, quer seja na sua língua original ou no resultado do árduo trabalho do tradutor que, antes de fazer ele mesmo do tecido primeiro algo novo é, em primeiro lugar, leitor.

Referências bibliográficas

Obras Primárias

Sir Gawain and the Green Knight (1965). Translated with an introduction by Brian Stone. Harmondsworth: Penguin Books.

Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo (1975). Translated by J. R. R. Tolkien. London: George Allen & Unwin.

Tolkien, J. R. R. e E. V. Gordon (eds.) (1979). *Sir Gawain and the Green Knight*. Revised by Norman Davis. Oxford: Clarendon. [2nd ed.].

Estudos e obras de referência

CAIN, J. (1995). *Obituary: Brian Stone*. URL: <http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-brian-stone-1609912.html> [Acesso em 17/2/2016].

JAKOBSON, R. (1959). On linguistic Aspects of Translation. URL: <http://culturalstudiesnow.blogspot.pt/2011/10/roman-jakobson-on-linguistic-aspects-of.html> [Acesso em 17/2/2016].

KIERNAN, K. (2014). *Publishing Tolkien's Beowulf translation does him a disservice*. URL: <http://theconversation.com/publishing-tolkiens-beowulf-translation-does-him-a-disservice-27244> [Acesso em 17/2/2016].

NASCIMENTO, A. A. (1997). Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média, in: C. A. RIBEIRO / M. MADUREIRA (coords.), *O Género do Texto Medieval*. Lisboa: Cosmos, pp. 113-138.

NIDA, E. (1964). *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill.

NIDA, E. / TABER, C. (1974). *La Traducción: Teoría y Práctica*. Madrid: Ediciones Cristiandad. [Edição espanhola de 1986].

SÁNCHEZ TRIGO, E. (2002). *Teoría de la Traducción: Convergencias y Divergencias*. Vigo: Servicio de Publicaciones.

SCHAEFFER, J.-M. (2011). *Petite Écologie des Études Littéraires – Pourquoi et Comment Étudier la Littérature?*. Vincennes: Éditions Thierry Marchaisse.

RESUMO: Ao traduzir, o objetivo primacial, para além da conversão de um texto numa língua de partida num produto de inteligibilidade semelhante numa língua de chegada, é aquilo que Nida e Taber apelidaram de equivalência dinâmica (cf. Nida & Taber, 1986). Tendo em conta a teoria dos autores supracitados, analisaremos excertos de duas traduções de um mesmo texto, o poema medieval *Sir Gawain and the Green Knight*. Olhando para os produtos tradutórios de Brian Stone e J. R. R. Tolkien, procuraremos provar que, embora os dois tradutores tivessem como objetivo a equivalência, produziram textos na sua língua de chegada com características diferentes: uma tradução linguística e uma tradução cultural, respetivamente.

TITLE: *Scriptum facere novum* – Linguistic Translation vs. Cultural Translation: A Brief Case Study

ABSTRACT: The main goal of translation, besides the conversion of a text from a source language into something that can be understood in a target language, is what Nida and Taber called dynamic equivalence (cf. Nida & Taber, 1986). Bearing in mind the theory of these authors, we will analyse excerpts of two translations of the same text, the medieval poem *Sir Gawain and the Green Knight*. Taking into consideration the translations of this text made by Brian Stone and J. R. R. Tolkien, our aim will be to prove that, although both translators were aiming for equivalence, they produced translations with different features; they have created a linguistic translation and a cultural translation, respectively.